

CAMARGO, Aspasia et alii. "História de vida na América Latina". *BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* (Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) no. 16, p. 5-24, 2o. semestre de 1983.

Vários são os motivos que levam uma pessoa a contar sua própria vida, sob a forma de memórias, autobiografias ou diários: desabafo, narcisismo, desejo de esclarecer participação em episódios políticos, militares, científicos, literários, artísticos, etc. Com a chamada *história de vida* — que é uma autobiografia dirigida — a antropologia acrescentou ao gênero a motivação de melhor compreender-se o *ethos* de um grupo social. É curioso que a *life history* tenha sido pela primeira vez utilizada por dois antropólogos poloneses radicados nos Estados Unidos: Paul Radin entre índios Winnebago (1915-16) e Florian Znaniecki (em colaboração com William Isaac Thomas) entre emigrantes da Polônia (1918-20).

O texto supra referenciado é uma exposição sobre a origem, evolução e estado atual da história de vida na América Latina, apresentada ao X Congresso Mundial de Sociologia (México, agosto de 1982). Suas autoras são, além da indicada no cabeçalho desta recensão — renomada fundadora do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (Cpdoc), da Fundação Getúlio Vargas e responsável por histórias de vida de vários políticos brasileiros — as pesquisadoras Lúcia Hippolito, Neuma Aguiar e Valentina da Rocha Lima, também ligadas ao programa de história oral do Cpdoc.

Ao estudo e suas notas, segue-se uma bibliografia (p. 16-24), na qual teria sido mais pertinente separar-se os estudos metodológicos das histórias de vida propriamente ditas. Como toda exposição de *mise-au-point* — *state-of-the-art*, dizem os norte-americanos — o trabalho é de grande interesse para quem deseje iniciar-se em história de vida na América Latina ou exercitar-se neste método, tão elogiado por cientistas sociais de orientação humanística quanto criticado pelos chamados quantitativistas.

Permito-me, entretanto, discordar das autoras quando afirmam da introdução do método na América Latina que "é um fenômeno do pós-guerra que tendeu a identificar-se através das entidades internacionais e pesquisadores que o propuseram, com a tomada de consciência do chamado Terceiro Mundo e do processo de descolonização na nova ordem mundial" (p. 6). Elas citam, a seguir, como pioneiras histórias de vida na América Latina, os trabalhos de Alfred Métraux no Peru (1942) e de J. J. Biesanz e M. Ordoñez na Guatemala (1958). Esquecem, assim, de que já nos anos 30 o brasileiro Gilberto Freyre utilizava-se da história oral e de documentos pessoais para escrever *Casa-Grande & Senzala*, cuja primeira edição completou meio século em 1983. No prefácio desta obra o autor menciona os depoimentos que lhe prestaram tanto as "negras quituteiras" da Bahia — uma das quais Maria Inácia — como personalidades conspícuas do mesmo Estado; tanto senhores de engenho e cafeicultores como ex-escravos e seus descendentes.

Lembrem-se ainda as autobiografias dirigidas por Gilberto Freyre para composição do admirável painel do 1900 brasileiro que é *Ordem e Progresso*, obra publicada em 1959, mas preparada com antecedência indispensável à distribuição, sistematização e interpretação dos questionários distribuídos entre sobreviventes da época de transição do Império para a República.

Outro ponto que exige reparo é o relativo ao projeto Unesco/Anhembi, do qual resultaria a obra *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*, organizada por Roger Bastide e Florestan Fernandes (São Paulo, Anhembi, 1955). O próprio subtítulo desta obra mostra que ela não aponta — como escrevem as autoras na primeira coluna da página 7 — “as origens, manifestações e efeitos do preconceito de cor no Brasil” e sim *no município de São Paulo*.

Ressaltando, com pertinência, a relevância da autobiografia na América Latina, as autoras mencionam alguns exemplos realmente notáveis — como os dos brasileiros Afonso Arinos de Melo Franco e Pedro Nava e o da argentina Victoria Ocampo — mas esquecem de esclarecer que o atual surto memorialístico entre nós foi desencadeado pelo sergipano Gilberto Amado, com *História da minha infância* (1954), a que se seguiram *Minha formação no Recife* (1955), *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), *Presença na política* (1958) e *Depois da política* (1960). Outro nordestino parece ter sido não apenas pioneiro do gênero, mas também introdutor da palavra *autobiografia* no português do Brasil. Refiro-me ao piauiense Anfrísio Fialho (*1841) e à sua obra *Um terço de século: recordações (auto-biographia)* (Rio de Janeiro, edição do autor, 1885). E cinco anos depois publicava-se *Minha formação*, do pernambucano Joaquim Nabuco: obra notável tanto pela beleza literária como pela contribuição ao conhecimento da época nela reconstituída.

Não falo por vaidade regional e sim pela experiência de quem há muitos anos estuda o assunto, tendo já publicado nota prévia intitulada “A autobiografia no Brasil” (nos *Anais do III Encontro Inter-Regional de Cientistas Sociais do Brasil*. Recife, IJNPS, 1978, p. 126-130.

FREYRE, Gilberto. *Camões: vocação de antropólogo moderno?* São Paulo, Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984. 89 p. (não numeradas)

Após lembrar o confronto entre William Shakespeare, representante maior da cultura de língua inglesa, e Luís de Camões, expoente máximo do idioma português (p. 23), Gilberto Freyre nos assegura que *Os Lusíadas* são “a mais completa *autobiografia coletiva*” que conhece. A gente lusa, os portugueses têm no Poema Épico uma “suma” de seu conteúdo antropológico, tanto do ângulo físico quanto dos ângulos social e cultural.